



Boletim da Fiocruz identifica uma leve desaceleração da covid-19 no Brasil, mas suposta estabilização ocorre em condições muito mais precárias do que em 2020. Dezesesseis estados e o Distrito Federal estão com taxa de ocupação de UTI acima de 90%

País corre risco de enfrentar novo platô

» BRUNA LIMA
» MARIA EDUARDA CARDIM
» RENATO SOUZA

Com mais 3.459 mortes pela covid-19 e 73.513 mil novos casos registrados ontem, o Brasil superou a triste marca das 360 mil vidas perdidas e 13,6 milhões de diagnósticos positivos. Sem um ritmo de vacinação acelerado e uma taxa de ocupação de leitos dos hospitais ainda em níveis críticos, o país continua a ver uma média móvel de óbitos em um alto patamar, acima das três mil mortes diárias. Ao observar a incidência de novos casos, especialistas veem uma estabilização preocupante na última semana epidemiológica, já que, apesar de representar uma desaceleração da pandemia, pode indicar a formação de um alto platô com números bem mais altos do que os vistos no ano passado.

Essa é a preocupação do novo boletim extraordinário do Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), divulgado ontem. Segundo o documento, observa-se uma tendência de estabilização do número de casos a partir de abril. Na última semana epidemiológica concluída, a 14ª, foram notificados uma média de 70.200 casos e 3.020 óbitos diários. “O número de casos aumentou a uma taxa de 0,9% ao dia, enquanto o número de óbitos por covid-19 aumentou 1,1% ao dia, isto é, ligeiramente mais lento que o verificado na semana anterior (1,5%), mostrando uma tendência de desaceleração, mas ainda não de contenção, da epidemia”, ponderou a análise.



O grupo atribuiu o resultado das medidas de restrição ao panorama de previsões mais otimistas, que apontaram os pequenos sinais já no fechamento da última semana epidemiológica. Segundo o relatório, as ações “estão produzindo êxitos localizados e podem resultar na redução dos casos graves da doença nas próximas semanas”. Apesar de mostrar uma pequena desace-

Juan Mabromata/AFP



Manifestantes exibem cartazes com os dizeres “cepa Bolsonaro, um perigo global” durante protesto, ontem, em frente à embaixada brasileira em Buenos Aires: repercussão internacional

ração do crescimento da pandemia no país, os especialistas alertam que ainda não houve o alívio necessário no contexto brasileiro das demandas hospitalares. Ao todo, 16 estados e o Distrito Federal têm taxas de ocupação de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) superiores a 90%.

Além disso, os pesquisadores demonstram preocupação, já que o Brasil pode estar observando a formação de um novo platô, como o visto em agosto do ano passado, porém com números bem mais elevados de casos graves e óbito. “A flexibilização de medidas restritivas pode ter como consequência a aceleração do ritmo de transmissão e, portanto, de casos graves de covid-19 nas próximas semanas”, alertam os pesquisadores da Fiocruz.

Outros pesquisadores sobre a situação pandêmica do Brasil ressaltam a responsabilidade do go-

“Inação” do governo

verno federal no cenário atual. Um estudo publicado ontem na revista *Science* concluiu que a “combinação perigosa de inação e irregularidades” da resposta federal colocam o Brasil como um dos piores países em termos de liderança no enfrentamento.

A partir dos dados do Ministério da Saúde de fevereiro a outubro de 2020, combinado com outras pesquisas de relevância mundial, o grupo buscou compreender, medir e comparar o padrão de disseminação de casos e óbitos de covid-19 no Brasil em escalas espaciais e temporais. Foram analisados indicadores de aglomeração, trajetórias, velocidade e intensidade de propagação para o interior, contextualizados às decisões do governo federal e repercussões de decisões políticas para se chegar aos resultados.

“Embora nenhuma narrativa única explique a diversidade na disseminação, uma falha geral de implementação imediata, coordenada e respostas equitativas em um contexto de fortes desigualdades locais alimentaram a propagação de doenças”, avalia a pesquisa publicada na *Science*.

Das até 10 de maio. “Em maio, até o dia 10, nós entregamos as 46 milhões e já iniciaremos a entrega de 54 milhões das doses adicionais”, completou o diretor. Com dois contratos firmados com o Butantan, o Ministério da Saúde garantiu 46 milhões de doses da CoronaVac e 54 milhões de doses adicionais. Mesmo com os atrasos nas entregas, o governador do estado de São Paulo, João Dória, reafirmou o compromisso de finalizar as entregas ao PNI até agosto.

Dória lembrou que a CoronaVac, atualmente, é responsável por vacinar oito a cada 10 brasileiros e, mesmo ao comemorar o anúncio da chegada de 15,5 milhões de doses da Pfizer até junho, alfinetou o governo federal. “É muito bom ter anúncio de mais vacinas. Até agora são expectativas de uma enxurrada de vacinas. O fato é que a única (vacina) que tivemos uma

» Abril preocupante

Especialistas explicam por que o mês de abril ainda será dramático para o Brasil em relação à pandemia.

Poucas vacinas

O ritmo vacinal começa a ganhar corpo, mas o país enfrenta problemas com importação de matéria-prima, o que atrasa a produção de imunizantes. O Instituto Butantan não conseguirá cumprir com a meta de entrega do mês, e a Fiocruz já havia reduzido as projeções. O Ministério da Saúde, que chegou a divulgar 47 milhões de doses em abril, agora estima 26 milhões de unidades.

Alta média móvel

Mesmo ainda sem bater nenhum recorde do número de mortes e infecções registradas diariamente nesta semana, o país continua a ver uma média móvel de óbitos e casos em um alto patamar. Segundo o cálculo do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), que leva em conta os números dos últimos sete dias, o país tem média de 3.015 mortes e 68.615 diagnósticos positivos

Alta ocupação de UTIs

Ao todo, 16 estados e o Distrito Federal estão com taxas de ocupação de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) superiores a 90%. No levantamento anterior, o percentual era realidade de 20 unidades federativas.

Taxa de transmissibilidade

Apesar de ter apresentado redução, a taxa de transmissão (Rt) da covid-19 no Brasil ainda é considerada alta. Segundo levantamento do Imperial College de Londres, a taxa do Brasil é de 1,06. Na semana retrasada, o Rt estava em 1,12

Casos em alto patamar

Mesmo com diminuição de novas interações nos estados, houve incremento de casos no fechamento da última semana epidemiológica, a 14ª. Nota-se uma melhora, mas o problema está longe de ser solucionado.

» MPF monitora ações da Saúde

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, se reuniu ontem com o procurador-geral da República, Augusto Aras, para discutir o avanço da pandemia. De acordo com a Procuradoria Geral da República, Queiroga reforçou que o repasse de 15,5 milhões de vacinas da Pfizer até junho. A subprocuradora-geral Célia Delgado também participou do encontro e, segundo a PGR, “explicou ao ministro da Saúde que membros do Ministério Público nos estados acionaram o Gabinete Integrado de Acompanhamento da Epidemia Covid-19 (Giac), que buscou obter informações sobre providências junto ao Ministério da Saúde com antecedência, evitando, assim, que procuradores e promotores precisassem ir à Justiça em busca de decisões liminares”.

Vacinas entre o sonho e a realidade

Pressionado para acelerar a vacinação contra a covid-19 no Brasil, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, anunciou ontem, após a segunda reunião do comitê para o enfrentamento da pandemia, a entrega, em junho, de 2 milhões de doses da vacina da Pfizer. A farmacêutica promete repassar, nos próximos meses, 15,5 milhões de unidades do imunizante Comirnaty. A previsão anterior era de 13,5 milhões. A mudança no calendário, no entanto, não vai agilizar a imunização dos brasileiros a curto prazo, pois somente 1 milhão de doses tem chegada prevista até o final de abril.

O mês deve terminar com uma previsão menor de vacinas encaminhadas. O Instituto Butantan anunciou que não conseguirá entregar as 4,6 milhões de doses da CoronaVac pendentes para completar o contrato de 46 milhões de unidades, até o final de

abril, como estava definido no cronograma. Ontem, o Butantan enviou mais 1 milhão de vacinas ao Ministério da Saúde e totalizou 40,7 milhões de imunizantes ao Programa Nacional de Imunização (PNI).

O Butantan ainda tem 700 mil doses prontas para serem remetidas ao governo federal, mas depende da chegada dos insumos para continuar a produção e cumprir com os dois contratos, totalizando 100 milhões de vacinas. Segundo o diretor do instituto paulista, Dimas Covas, o novo lote de 3 mil litros do Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA), que consegue produzir pelo menos mais 5 milhões de doses, chegará ao Brasil na próxima segunda-feira (19). “Isso vai permitir a retomada da entrega a partir de 3 de maio”, disse Covas.

A nova previsão feita pelo Butantan é de que as 4,6 milhões de doses faltantes sejam libera-

das até 10 de maio. “Em maio, até o dia 10, nós entregamos as 46 milhões e já iniciaremos a entrega de 54 milhões das doses adicionais”, completou o diretor. Com dois contratos firmados com o Butantan, o Ministério da Saúde garantiu 46 milhões de doses da CoronaVac e 54 milhões de doses adicionais. Mesmo com os atrasos nas entregas, o governador do estado de São Paulo, João Dória, reafirmou o compromisso de finalizar as entregas ao PNI até agosto.

Dória lembrou que a CoronaVac, atualmente, é responsável por vacinar oito a cada 10 brasileiros e, mesmo ao comemorar o anúncio da chegada de 15,5 milhões de doses da Pfizer até junho, alfinetou o governo federal. “É muito bom ter anúncio de mais vacinas. Até agora são expectativas de uma enxurrada de vacinas. O fato é que a única (vacina) que tivemos uma

Evaristo Sá/AFP



Queiroga: maior volume de vacinas só deve chegar depois de abril

enxurrada foi a do Butantan. Espero que o Ministério da Saúde, o governo federal, consigam materializar aquilo que falam, porque falam muito e entregam pouco”, criticou Dória. Em 21 de janeiro, o então ministro Eduardo Pazuello prometeu uma “avalação de laboratórios apresentando propostas” de imunizantes entre o fim de janeiro e o início de fevereiro.

Outras vacinas

Apesar de anunciar a entrega de 2 milhões de doses da vacina da Pfizer, o ministro da Saúde não detalhou quando elas estarão disponíveis para a população. No último dia 7, a Pfizer informou que um milhão de doses da vacina chegariam ainda este mês, outros 2,5 milhões em maio e “o restante, escalonado pro-

gressivamente até setembro”. Sem confirmar ou detalhar o calendário, a farmacêutica apenas reafirmou o compromisso de entregar as “100 milhões de doses da nossa vacina até o final do 3º trimestre de 2021, com um cronograma de doses crescente ao longo dos próximos meses”.

Enquanto aguarda a chegada do imunizante da Pfizer, o Ministério da Saúde recebeu ontem mais 2,2 milhões de doses da vacina de Oxford/AstraZeneca, entregues pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). No total, esta semana a fundação irá liberar 5 milhões de doses, contando com a próxima remessa programada para amanhã. “O cronograma de entregas pactuado com o Ministério da Saúde continua seguindo o esquema de entregas semanais e está sujeito à logística de distribuição definido pela pasta”, disse a Fiocruz. (BL e MEC)